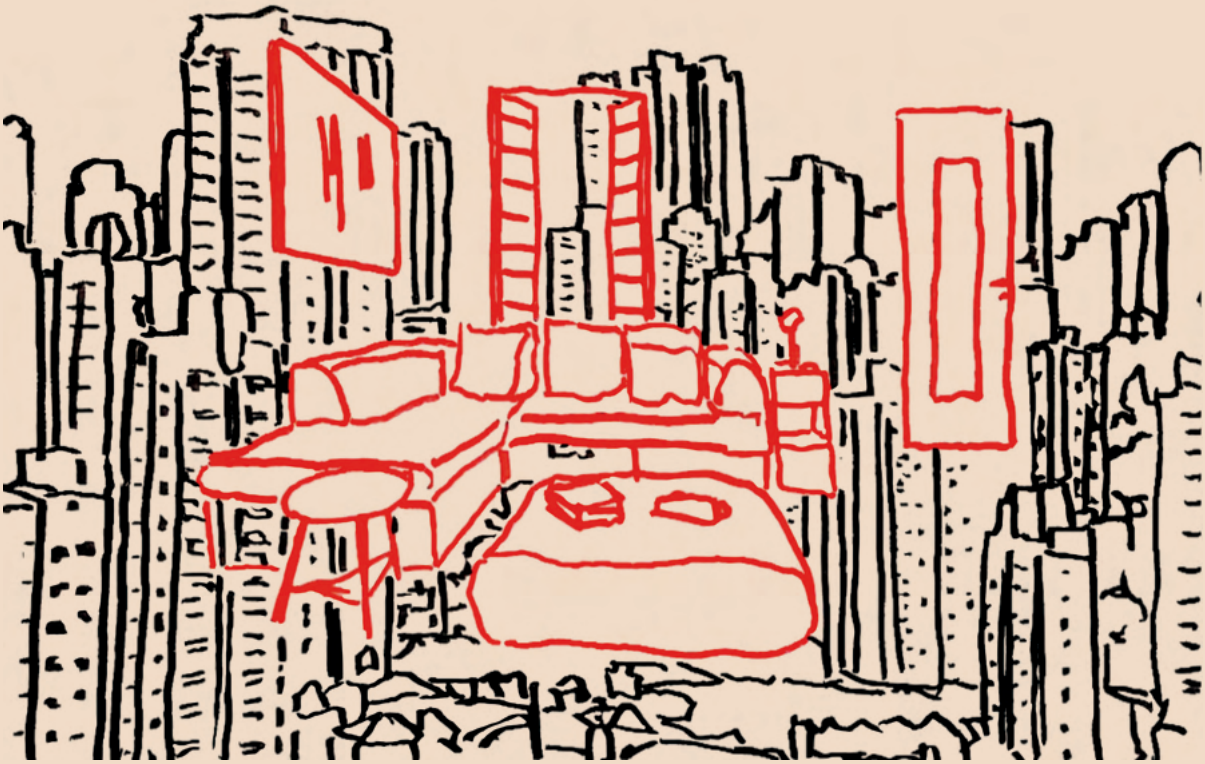
Eruv: um espaço coletivo, habitual e comum*

POR ISABEL SEBER, LILLA LESCHER,
TAMARA CRESPIN E VICTÓRIA LIZ COHEN



Estender o espaço privado ao público / implementação do eruv. © ISABEL SEBER

Implementação do eruv.
© ISABEL SEBER

¶ O *ERUV* DIVIDE o público do domesticado, o secular do sagrado e o trabalho do *Shabat*[1]. E se torna uma outra e nova frequência, uma possibilidade de viver judaísmos de formas comunitárias durante o período de descanso religioso, entendendo, acima de tudo, a complexidade destes agrupamentos. Diante disso, o presente texto buscará entender como as tradições judaicas convivem hoje com a dinâmica das metrópoles, deixando marcas identitárias e de pertencimento em seus tecidos — construindo outras leituras, expressões em territórios e lugares de compartilhamento.

Sendo assim, o *eruv* é uma estratégia, sancionada pela comunidade judaica[2], para estender simbólica e fisicamente um espaço privado ao domínio público de ruas e calçadas por meio de um cercamento, ou seja, um conjunto de postes e fios que circundam e circunscrevem uma certa territorialidade com o intuito de permitir o carregamento de objetos durante o rito do *Shabat*, como por exemplo: bengalas, guarda-chuvas, livros, carrinhos de bebês, casacos, bolsas.

Isso porque, ao traçar um limite em torno de um espaço, ao cercá-lo, esta mesma territorialidade, antes considerada uma propriedade *reshut harabim*[3], se torna uma extensão do próprio espaço doméstico da casa, permitindo que as trocas sejam maiores. Fisicamente o *eruv* é estabelecido por meio de um *tsurat hapetach*[4] — uma combinação de dois postes paralelos às calçadas e conectados por um fio de nylon — que delimitam uma territorialidade, criando um ambiente religiosamente seguro para transitar durante o rito do *Shabat*. Sendo então, um marcador real e imaginário de pertencimento que se mostra enquanto um fortalecedor de comunidade.

Segundo Luiz Antonio Simas[5]: a aglomeração identitária "representa a agregação de diversos elementos em busca de objetivos comuns" (RUFINO; SIMAS, 2020, p.4); ou seja, criar e manter conexões. A proibição do carregamento de objetos durante o *Shabat* impede as imprevisibilidade cotidianas, e o *eruv* surge enquanto uma resposta a essa questão, possibilitando a agregação comu-

* O ensaio aqui exposto é fruto de discussões, pesquisas e entrevistas ocorridas durante o segundo semestre de 2021, por meio da disciplina de Estúdio Vertical da Escola da Cidade, sob orientação do Prof. Vinícius Spira

Uso e o recurso do *eruv* a partir do *tsurat hapetach*. © VICTÓRIA LIZ COHEN

nitária durante o rito, em que as trocas podem e devem ser maiores, e permite que seus diversos indivíduos compartilhem momentos e experiências — tendo em vista que a manutenção comunitária é a chave principal das vivências judaicas, em que modificam e se apropriam de seus contextos — compreendendo em seu íntimo as miudezas da vida, aquelas que se mostram enquanto fantasias.

Francesco Perrotta-Bosch[6], no texto 'Arquitetura dos Intervalos', traz um feliz exemplo sobre a vida comum em sociedade: o vão do MASP, projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi. No texto Bosch analisa que durante o estudo preliminar do projeto, a arquiteta faz um pequeno croqui do vão livre, colocando o museu em suspensão, concebendo espaço para o lúdico, indeterminado e que abriga o imprevisível. Bosch, ao descrever o espaço, comenta: "[...] nesse lugar permite-se contestar a ordem, promover encontros, agregar diferenças, gerar choques. " Enquanto o vão livre do MASP abriga suas atividades em um espaço amplo, aberto e público, o *eruv* necessita delimitar-se, esquadrinhar um espaço domesticado, desenhando uma silhueta — um espaço comum. ⨯

ISABEL SEBER, LILLA LESCHER, TAMARA CRESPIN E VICTÓRIA LIZ COHEN SÃO ESTUDANTES DE ARQUITETURA E URBANISMO NA ESCOLA DA CIDADE. A PARTIR DE SUAS JUDAICIDADES COMPARTILHADAS DESENVOLVEM COLETIVAMENTE PESQUISAS E TRABALHOS NAS INTERSECÇÕES ENTRE CIDADE, COMUNIDADE, IDENTIDADE, CULTURA E TRADIÇÃO JUDAICA.

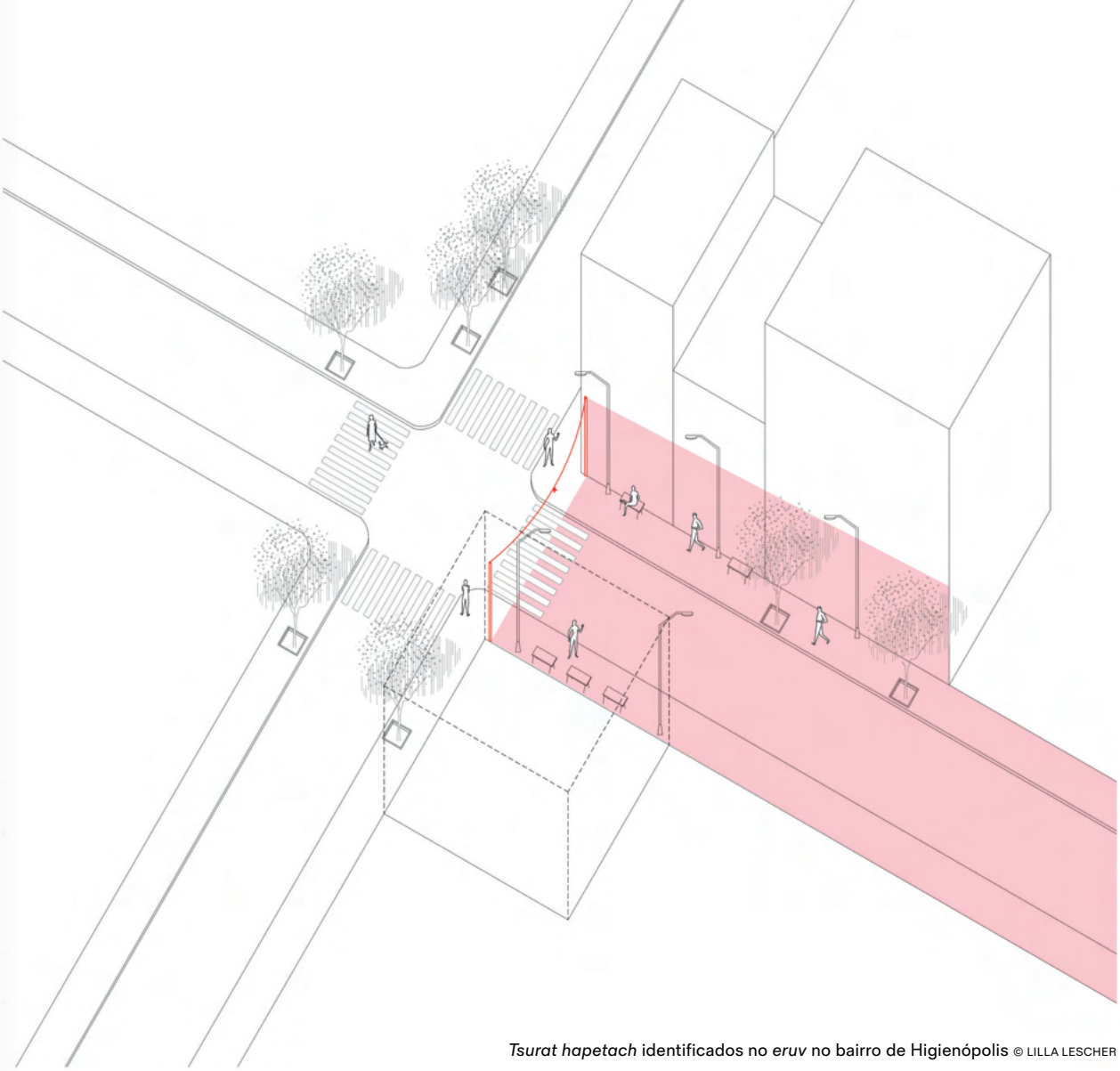
REFERÊNCIAS

BOSCH, Francesco Perrotta. *A Arquitetura dos Intervalos.* Revista Serrote. Disponível em ↗ tinyurl.com/ycy69y32. Acesso em: 25 nov. 2021.

RUFINO, Luiz. SIMAS, Luiz Antonio. Encantamento: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

TOPEL, M. F. (2021). O "eruv" na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil: novas estratégias de demarcação do espaço judaico. Cadernos De Língua E Literatura Hebraica, (10), 153-164. ↗ tinyurl.com/bdh3rsdf

WEISS, Abraham. THE ERUV: A microcosm of the *shabat* spirit. Disponível em: ↗ tinyurl.com/2p8p7hfu. Acesso em: 10 set. 2021.



Tsurat hapetach identificados no *eruv* no bairro de Higienópolis © LILLA LESCHER

NOTAS

1 Palavra proveniente do hebraico. Trata-se do sétimo dia da semana na religião judaica e é dedicado inteiramente ao descanso. O Shabat tem início com o pôr-do-sol na sexta-feira e termina ao anoitecer de sábado. Durante este período há uma série de 39 ações proibidas de serem realizadas, entre elas o carregamento de objetos e utensílios entre espaços públicos e privados.

2 Mais especificamente, o eruv é implementado pelas vertentes judaicas mais ortodoxas.

3 Palavra proveniente do hebraico. Trata-se de uma propriedade pública que, segundo as leis religiosas, são quaisquer espaços e vias que tenham mais de 8 metros de largura e que atravessem a cidade de uma ponta a outra. Algumas opiniões rabínicas ainda dizem que para um espaço ser considerado 'resut harabim' deve haver uma transição de aproximadamente 600 mil pessoas por dia.

4 Palavra proveniente do hebraico. Porta ou portal em formato de arco.

5 Luiz Antonio Simas (1967) é um historiador, pesquisador e professor. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

6 Francesco Perrotta-Bosch (1988) é arquiteto, ensaísta e historiador. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.